



Evento: Seminário História e Memória do Museu Antropológico Diretor Pestana

HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, ESQUECIMENTO E REFLEXÕES¹

Júlia Minetto²

INTRODUÇÃO

O esquecimento caminha de mãos dadas com a memória, e infelizmente o esquecimento ou a falta de memória está diretamente ligado a disputas de narrativas. Essas disputas ocorrem, pois, há algumas qualificações, atribuídas a determinados períodos de tempo, principalmente quando tratamos de discorrer sobre o passado, as quais, sobrevivem episódios “nefastos”, remetendo-nos sempre a memórias trágicas. Essas memórias trágicas então sempre em busca de um vilão e um mocinho, procurando dar um sentido identitário para um grupo.

O escritor Huyssen em um trecho do seu livro *Culturas do passado – presente*, fala sobre o esquecimento e como ainda é abominado pela sociedade atual. O esquecimento é sentido como um dano à confiabilidade da memória. Tendo este diversas definições para cada área, a qual, o mesmo pretende-se ser empregue. Huyssen (2014, p.155) também fala que:

“[...] o esquecimento aparece, na melhor das hipóteses, como um complemento inevitável da memória, uma deficiência, uma falta a ser suprida, e não como o fenômeno de múltiplas camadas que serve como a própria condição de possibilidade da memória”.

O silêncio da história e a renegação de muitas sociedades ou indivíduos como vítimas ao invés de vilãs, torna-se cada vez mais comum. Por inúmeras vezes, fomentadas por grupos disseminadores de ódio e caos social.

¹ Trabalho de pesquisa e análise desenvolvido na Universidade Federal de Santa Maria, no curso de Pós-graduação de Mestrado em História, na disciplina de História, Poder e Cultura.

² Mestranda do curso de Pós-graduação de Mestrado em História, da Universidade Federal de Santa Maria.



METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de uma análise de textos, de historiadores que trabalham com a temática da memória, desenvolvida na perspectiva qualitativa. O mesmo foi desenvolvido durante o período em que a autora cursava a Pós-graduação do Mestrado em História, pela Universidade Federal de Santa Maria. O trabalho foi desenvolvido pelo período de um semestre, o qual, o produto final compôs a nota da disciplina “História, poder e cultura”, ministrada pelo Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria e do Programa de Pós-graduação em História, Doutor Carlos Henrique Armani.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O silêncio só é interrompido quando há intervenção do esquecimento, tendo suas razões embasadas politicamente ou familiar. Infelizmente, estas razões só tomam força em períodos de crise.

A escritora Jeanne Marie Gagnebin inicia o terceiro capítulo do seu livro “Lembrar escrever esquecer”,³ questionando-se por que se fala tanto em memória, conservação e em resgate? Porém, qual é a importância do resgate da memória? A memória é a base que dá sentido à vida. É através dela que se preserva a história de um povo, na qual, a relação entre o presente e o passado está ininterruptamente entrelaçada.

Para que ocorra o resgate da memória, o historiador vai em busca da história. Inicialmente, a história era tratada como verdadeira e universal. Porém, com o desenvolvimento dos estudos no campo da historiografia, percebeu-se que não há uma história dita como verdadeira e universal, mas sim uma prevalência do resgate da memória de um pequeno grupo da classe dominante.

Um caso que exemplifica esta constatação é o do Nazismo no Rio Grande do Sul. Podemos afirmar que ocorreu sim, uma tentativa da Alemanha Hitlerista em expandir as suas terras para o continente americano, mais especificamente na região sul do Brasil. No entanto, não se deve afirmar que todo imigrante alemão ou descendente era afilhado ou simpatizante

³ GAGNEBIN, Jean Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.



ao Partido Nazista Brasileiro. Com isso, estaremos afirmando que a historiografia descreve uma história verdadeira, absoluta e incontestável.

Gagnebin cita em seu livro, Walter Benjamin,⁴ o qual, relata que ao analisar o passado, o mesmo, não se constituirá exatamente como ocorreu. Este fato se deve, pela memória. Apesar de ouvir um relato o mais fiel possível sobre um determinado fato que ocorreu durante a trajetória de um indivíduo, não conseguimos reproduzi-lo, um relato/história dita como verdadeira. Em primeiro lugar, porque não sentimos e nem vivenciamos a mesma experiência do outro, em segundo, porque involuntariamente interpretamos a história de maneiras distintas.

Contudo, deve-se tomar cuidado também com as histórias literárias, e até mesmo, ficcionistas. Elas se formam através de memórias, que se constituem de memórias instáveis ou “emprestadas”, nas quais, a narração literária se torna um atrativo, tornando uma história verdadeira e aparentemente incontroversa. Ocasionalmente uma disputa de memórias, disputa essa que se dá entre memórias individuais e memórias ditas como coletivas.

Segundo Gagnebin (2006, p.42): “[...] desde a década de 1980, com o intenso debate (ainda aberto) sobre o tema do "revisionismo" ou, como se prefere chamar hoje em dia, do "negacionismo". Em seu livro ela usa como exemplo para ilustra o revisionismo, o Holocausto. Nele relata a negação e o empenho de partidários e simpatizantes do nazismo em negar que nos campos de concentração nazista ocorreu o assassinato de milhares de pessoas de variadas progênes, (judeus, negros, deficientes, homossexuais, comunistas, entre outros). A negação do Holocausto quanto fenômeno político e militar pôr-se a tomar forma somente depois da Segunda Guerra Mundial, contemporaneamente algumas pessoas ainda defendem essa opinião negacionista, que o Holocausto não aconteceu, não houve o assassinato em massa de milhões de pessoas.

O revisionismo nem sempre se baseia somente no apagamento de vestígios, no sentido de negar fatos ocorridos, como no exemplo citado acima pela escritora. Ele pode

⁴ Walter Benedix Schönflies, Benjamin foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem.



colocar em equidade “os dois lados da história”, na tentativa de justificar um fato colocando outro em debilidade. Porém, é necessário tomar certas precauções ao realizar o revisionismo, a reinterpretação da história, para não nos deparar com a desinformação e acabarmos promovendo um “revisionismo ideológico”.⁵

Os rastros históricos, são como estilhaços de vidro, no qual, a cada fragmento encontrado no ambiente, nos deparamos com um rastro ou um vestígio histórico de uma história ocorrida em tempos passados. Ao montarmos, estes fragmentos de vidro, obtemos uma vidraça de uma janela, com isso, conseguimos ter uma visão mais ampla do passado através da mesma. Claro, que ao montarmos estes fragmentos alguns deles parecem não se encaixar aos demais estilhaços, precisamos dar um tempo e um pouco de maturidade para a nossa mente, para raciocinarmos e perceber que algumas peças de vidro possam estar faltando ou apenas interpretamos o seu encaixe de forma inconveniente. E na grande maioria das vezes ficam alguns fragmentos perdidos, por achar, que só com o passar do tempo o reencontramos.

Porém, em alguns casos, não conseguimos encontrar determinados fragmentos. Devido, sobretudo, estar ligada à memória, que traz junto de si o esquecimento, o trauma e aos enquadramentos da história. As memórias são passadas de geração em geração, no entanto, todos estes fatores, citados acima, interferem direta ou indiretamente na montagem da vidraça. Como diz Gagnebin (2006, p.44): “[...] o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente”. O que não se pode é deixar os rastros, fragmentos da vidraça, se perder e cair no esquecimento, pois é através dele que muitas interpretações revisionistas são desarticuladas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma sociedade que não vai em busca de seus rastros, seus fragmentos de vidro, acaba se tornando uma sociedade sem identidade. Esta identidade é construída através desta constante busca, a qual, conforme o caminho que foi tomando ou levado a tomar tem significativas cicatrizes. As tensões entre memórias interferem e definem o conceito social e

⁵ Abordagem com motivações exclusivamente voltadas para a luta política, diferenciando-se de movimentos de revisão e crítica ligados à disciplina histórica.



cultural desta sociedade. E esta sociedade por mais estruturada e sólida que pareça, não tem suas memórias asseguradas, elas estão em constante mutação. A memória.

Palavras-chave: Memória. Esquecimento. Nazismo no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Juliana. Führer: o que é e qual o significado, **Significados**. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/fuhrer/>>. Acesso em: 04 jul. 2023.

BURKE Peter, **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado; Memória, história, testemunho; O que significa elaborar o passado?; O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006, p.39-48; 49-58; p.97-106; p.107-118.

HUYSSSEN, Andreas. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: **Culturas do passado – presente**. Rio de Janeiro: Contraponto – Museu de Arte do Rio, 2014, p. 155-176.

Memória traumática: o cérebro cativo do sofrimento, **CICLO CEAP**. Disponível em: < <https://blog.cicloceap.com.br/memoria-traumatica-o-cerebro-cativo-do-sofrimento/>> . Acesso em: 04 jul. 2023.

POLLAK, Michael. “**Memória, esquecimento, silêncio.**” In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

POLLAK, Michael. “**Memória e identidade social**”. In: Estudos Históricas, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

Revisionismo histórico e os riscos de um uso ideologizado, **Editora contexto**, 14 jan. 2022. Disponível em: < https://normas-abnt.espm.br/index.php?title=Recursos_virtuais> . Acesso em: 04 jul. 2023.